O feirense desalentado procurando emprego

11/10/2018

Curtir 0 Tweet

~~O cidadão aguardava o ônibus num daqueles pontos da Avenida Maria Quitéria e, às vezes, espichava o olhar para o asfalto que tremulava em ondas de calor. Foi numa tarde incandescente dessa primavera que começou abrasadora. Na cabeça um boné surrado, encardido. A camisa social de manga curta e a antiga calça jeans também denotavam uso constante. O rosto – de profundos sulcos rugosos – se contraía no esforço de atenuar a luminosidade incômoda. Às vezes lançava um olhar esperançoso, ansioso pelo ônibus que teimava em não aparecer.

- ...Haja paciência...

As mãos calosas empunhavam um envelope de papel pardo: provavelmente havia, ali dentro, documentos. Reclamei do calor e ele concordou com veemência. Seguia viagem para um daqueles residenciais do Minha Casa Minha Vida, mas o ônibus demorava. Reclamou das idas e vindas para tentar um emprego, levando e trazendo papel, ouvindo negativas, amargando a espera por telefonemas que nunca se concretizavam.

Era gente do campo que, na Feira de Santana, enveredou pelos diversos ofícios da construção civil. Daí as mãos calosas, o tronco levemente arqueado e a pele clara crestada pelo sol inclemente. O cabelo liso rareava, via-se apesar do boné. Compunha o rol dos mais de dois mil trabalhadores feirenses que, na crise econômica que eclodiu em 2014, perdeu o emprego formal na construção civil.

Reclamou da escassez de dinheiro, da família enfrentando dificuldades desde que a época de bonança findara. O genro e a filha estavam desempregados também, havia netos pequenos que exigiam cuidados. Falava e lançava o olhar para aquelas árvores do canteiro central da Maria Quitéria.

- Dureza...

Constatou que viver custa caro: além de comer, beber e ter o que vestir, existem outras necessidades. O teto para se abrigar, as incontornáveis contas de água e de energia elétrica, as despesas com transporte, com medicação. O olho brilhou quando recordou o sabonete, o papel higiênico, o crime dental, o desodorante. Tudo muito caro para quem marcha desempregado e toca uma casa com mais gente.

Indaguei pelas eleições que, naquele momento, se avizinhavam. Fez uma careta de desdém e manteve o olhar perdido. Revirava recordações, o rosto denunciava o cansaço pelo calor e, talvez, pelas marchas infrutíferas. Ficou intermináveis segundos ruminando a frase, parecia que já tinha esquecido o interlocutor. Mas, enfim, se voltou e anunciou num tom lamentoso.

- Tinha que ter solução pra crise, né? – soltou, voltando a ficar calado.

O papo morreu por um interminável minuto. As árvores balançavam suavemente, sacudidas por uma brisa ardente. E, por fim, o ônibus despontou. Quando ele embarcava, notei que a carteira de trabalho repousava no bolso traseiro. As bordas estavam gastas pelo manuseio.

A estatística mais recente do Ministério do Trabalho indica que, no ano, foram gerados 909 empregos na Feira de Santana até agosto. Nenhuma dessas oportunidades alcançou aquele brasileiro persistente que se aboletou no ônibus e seguiu viagem em direção à esquecida periferia da Feira de Santana.

André Pomponet

0 comentários Classificar por Mais antigos

Adicione um comentário...

Plugin de comentários do Facebook

LEIA MAIS

André Pomponet
Vizinho Uruguai é referência América do Sul
24/10/2018

André Pomponet
Recessão segue esquecida na presidenciais
18/10/2018

André Pomponet
Interminável noite eleitoral
08/10/2018

André Pomponet
Mulheres definirão rumos da
01/10/2018

André Pomponet
O meio ambiente como desa Santana
27/09/2018

« Anterior Pr

CULTURA
Turismo
Teatro
Música
Artes Visuais
Poesia
Literatura

NOTÍCIAS
Política
Economia
Saúde
Religião
História
Educação
Especiais

ENTRETENIMENTO
Eventos
Esporte
Cinema
Humor
Contos e Crônicas

COLUNAS
André Pomponet
Cultura e Lazer
Franklin Maxado
Poucas e Boas
Religião
Caneta Afiada
Opinião que muda o mundo

INICIAL SOBRE ANUNCIE

© Todos os direitos reservac
Email: infocultural@infocultı
Painel Administrativo